

Entre os “desherdados da sorte” e os “abandonados da saúde”: a imagem dos internos no Livro de Visitas do Asilo São Vicente de Paulo em Goiás (1909-1930)

Between the “disinherited of luck” and the “abandoned by health”: the image of the Guestbook inmates of São Vicente de Paulo asylum in Goiás (1909-1930)

Rildo Bento de Souza*

Resumo

O Asilo São Vicente de Paulo foi inaugurado em 1909 na Cidade de Goiás, então capital do estado, com o objetivo de abrigar os pobres e doentes que não tinham quem lhes valessem. O objetivo deste artigo é analisar o livro de visitas dessa instituição da data da sua inauguração até 1930. Pretende-se compreender como a imagem dos internos, dos vicentinos, das Irmãs Dominicanas e da própria instituição aparecem nos 80 relatos do referido documento.

Palavras-chave: internos; asilo; Goiás

Abstract

The São Vicente de Paulo asylum was inaugurated in 1909 in Goiás, the state capital at that time, with the aim of sheltering the poor and sick who had no one to help them. The purpose of this article is to analyze the Guestbook of this institution from the date of its founding until 1930. It is intended to understand how the image of the inmates, the Vincentians, the Dominican Sisters and the institution itself appear in the 80 reports of the aforementioned document.

Keywords: inmates; asylum; Goiás

*Doutor em História. Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás, atuando no curso de Museologia e no Programa de Pós-Graduação em História. E-mail: rildobento@gmail.com.

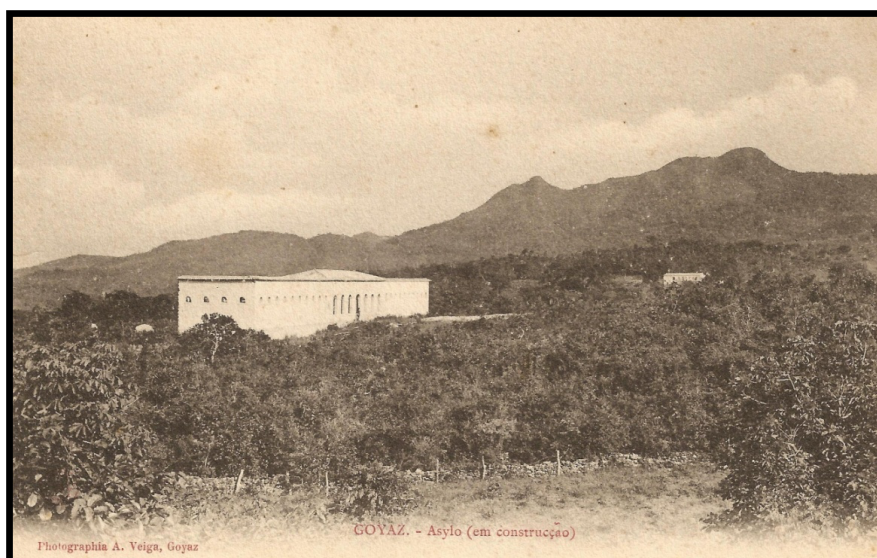
Em 25 de julho de 1922, ao concluir o seu mandato à frente da Junta Administrativa do Asilo São Vicente de Paulo, o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (1875-1942) escreveu em seu relatório de gestão não ser “das cousas mais agradáveis viver entre as pobresas e desamparos, entre os ascos e as miserias da gente mais inculta, da gente mais pobre, da gente menos gente, de quantas nasceram ou abortaram neste mundo”. No final, destacou que era “preciso ser forte para percorrer este Asylo e vêr com atenção todas as miserias que aqui se abrigam”. Havia 13 anos que o Asilo São Vicente de Paulo tinha sido inaugurado na então capital goiana, a Cidade de Goiás, com o objetivo de abrigar os pobres e doentes que não tinham quem lhes valessem.

O objetivo deste artigo é analisar o livro de vistas dessa instituição entre os anos de 1909 a 1930. Pretende-se compreender como a imagem dos internos, dos vicentinos, das Irmãs Dominicanas e da própria instituição aparecem nos 80 relatos do referido documento. Nossa hipótese é que os internos, ou seja, os pobres e doentes – objetivo inicial e central da construção da instituição – foram apropriados pelo discurso caritativo, mas que, não obstante, visava ao elogio à Sociedade São Vicente de Paulo e às Irmãs Dominicanas. Nessa perspectiva, a visão do professor Francisco Ferreira em relação aos internos prevaleceu em boa parte dos relatos do livro de visitas, que, em última instância, revela a linha tênue entre caridade e filantropia. O artigo encontra-se dividido em quatro partes: na primeira, expomos, brevemente, a história da instituição ressaltando os interesses da sua construção; na segunda parte, apresentamos o Livro de Visitas do Asilo São Vicente de Paulo; na terceira, analisamos o perfil dos internos do asilo entre 1909 a 1930, por meio do Livro de Registro de Entrada, destacando o gênero, idade, local de origem e enfermidades; e, por fim, na quarta parte, analisamos a imagem dos internos no livro de vistas em contraposição à imagem dos vicentinos e das Irmãs Dominicanas.

O Asilo São Vicente de Paulo

A partir de 2015, o Asilo São Vicente de Paulo passou a se denominar Lar São Vicente de Paulo. A mudança foi justificada para tirar o peso desabonador que a palavra “asilo” trazia consigo e humanizar o ambiente que abriga, atualmente, 65 pessoas idosas e com problemas mentais. Porém, se hoje a instituição recebe apenas indivíduos nessas condições, quando ela foi fundada em 25 de julho de 1909, a ideia era abrigar os pobres que não tinham meios de se sustentarem. O asilo da Cidade de Goiás já foi objeto de estudo de vários trabalhos acadêmicos que ressaltaram desde os seus aspectos patrimoniais (PRUDENTE, 2006), a história das primeiras décadas de seu funcionamento (SOUZA, 2014), os internos a partir do seu acervo fotográfico (SOUZA, 2017a), a cozinha e alimentação dos internos (SOUZA, 2017b), e até possibilidades de pesquisa em seu arquivo sobre a temática da saúde e das doenças (SOUZA, 2019), dentre outros.

Imagem 1: Asilo em construção



Fonte: Acervo da Fundação Educacional da Cidade de Goiás - Casa Frei Simão Dorvi. Cidade de Goiás, 1908.

Construído nos subúrbios da então capital de Goiás,¹ como mostra a Imagem 1, o Asilo São Vicente de Paulo é o único prédio fora do centro histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Ademais, a Cidade de Goiás ostenta, desde 2001, o título de Patrimônio da Humanidade conferida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Nessa cidade, que foi capital do estado até 1937, o asilo representava a solução de um problema que vinha se arrastando desde o início do século XIX: os pobres que não tinham condições de se manterem e os *loucos mansos*² que viviam espalhados pelas ruas e colocavam a ordem pública em constante ameaça, como demonstraram os trabalhos de Moraes (1995) e Rabelo (1997). Em 1886, surgiu a primeira ideia para a construção de um asilo que atendesse a essa demanda. Porém, ela foi aprovada apenas em 1888 e foi somente em 1900 que as obras, de fato, começaram. Em sua construção, foram gastos “39 contos, assim discriminada: esmolas, 14 contos; auxílio da União por meio de loterias, 12 contos de réis; auxílio do governo estadual, 8 contos de réis; auxílio municipal, 5 contos de réis” (AZEVEDO, 1987, p. 112).

¹ A Cidade de Goiás data da terceira década do século XVIII e suas origens remontam à exploração do ouro. Foi construída no fundo de um vale, cercado pela Serra Dourada, cortada ao meio pelo Rio Vermelho, famoso nos versos da poetisa vilaboense Cora Coralina. Foi a capital da capitania, da província e do estado até 1937, quando passou a ser a recém-construída Goiânia.

² Essa denominação aparece na documentação para caracterizar pessoas com problemas psicológicos que não eram agressivas e que viviam nas ruas da cidade. Em Goiás, também eram conhecidos como *bobos* ou *tipos de rua*. Esse assunto foi tratado no segundo capítulo do trabalho de Souza (2014) sobre o Asilo São Vicente de Paulo e também no interessante estudo de Meireles (2014) sobre os enigmas e silêncios envolvendo os *bobos* em Goiás.

Quem estava por trás tanto da ideia quanto da sua construção era a Sociedade São Vicente de Paulo, organização leiga católica criada em 1833, em Paris, pelo então estudante Frederico de Ozanam (1813-1853). Seu objetivo primordial era a assistência material aos pobres. Chegou a Goiás em 1885, por meio do Bispo Diocesano Dom Claudio José Gonçalves Ponce de Leão (1841-1924), apenas 13 anos após a Conferência de São José, no Rio de Janeiro, a primeira a ser fundada no Brasil. A Sociedade São Vicente de Paulo é formada por conferências que funcionam em rede. Essas conferências são grupos com número determinado de integrantes, que se reuniam com regularidade e frequência e tinham o objetivo de arrecadar recursos para auxiliar os mais pobres. Cada conferência era batizada com o nome de um orago protetor e as reuniões ocorriam nas igrejas. As conferências de cada cidade estão unidas entre si pelos Conselhos Particulares. Estes, por sua vez, estão vinculados aos Conselhos Centrais, de caráter executivo, que responde por determinada circunscrição.³

Embora nos seus primeiros anos de funcionamento na Cidade de Goiás a Sociedade São Vicente de Paulo tenha se empenhado em ajudar os pobres em suas necessidades – desde alimentos, roupas, remédios, aluguel de casas, patrocínio de casamentos e funerais, até noções de higiene e comportamento –, o grande número de pobres diante do número bem menor de vicentinos fez com que a ideia de um local onde pudessem ser tratados em conjunto prosperasse. Entranto, mesmo com a inauguração do asilo, as conferências vicentinas continuavam com a ajuda aos pobres que não foram abrigados na instituição (SOUZA, 2014).

Como podemos ver na Imagem 1, o prédio do asilo era imponente para a época. Possuía 80 metros cada lado, em formato de U. Na frente, localizava-se a capela e o salão da Junta Administrativa do Asilo. No lado esquerdo, encontravam-se os dormitórios das Irmãs Dominicanas,⁴ a cozinha e a rouparia. O lado direito, por sua vez, era dedicado aos alojamentos dos internos. O asilo era administrado pela Junta Administrativa, composta de um presidente, um secretário e um tesoureiro, eleitos dentre os membros da Sociedade São Vicente, e não recebiam salários. A administração interna e o cuidado com os asilados, por sua vez, estava a cargo das Irmãs Dominicanas, vindas diretamente da França para trabalharem na instituição.⁵

³ Na sequência hierárquica, há os Conselhos Metropolitanos, de âmbito regional. Em nível nacional, existe o Conselho Nacional do Brasil, com sede no Rio de Janeiro (RJ). Coordenando o trabalho em todo mundo está o Conselho Geral Internacional, em Paris, na França.

⁴ As Irmãs Dominicanas de Monteils partiram de Paris para Goiás em maio de 1889, com o objetivo de trabalharem no Colégio Santana e no Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara. Posteriormente, quando da inauguração do Asilo São Vicente de Paulo, mais algumas vieram da França. Na primeira comitiva, vieram oito irmãs. Ademais, era desejo do Diocesano Dom Claudio José Gonçalves Ponce de Leão (1841-1924) que a missão dominicana masculina, em Goiás desde 1885, fosse enriquecida com a presença das irmãs (SOUZA, 2014, p. 136).

⁵ Atualmente, a administração da instituição é realizada somente pelas Irmãs Dominicanas, sem a divisão com os vicentinos.

De acordo com o seu regulamento, o objetivo primordial da instituição era “recolher os indigentes⁶ e mantel-os, dando-lhes o necessario abrigo, juntamente com o consolo que proporciona a Religião Catholica” (REGULAMENTO..., 1909, p. 02). Nesse sentido, o asilo lembra os hospitais medievais, que estão embasados em dois valores cardeais, a caridade (*caritas*) e a enfermidade (*infirmitas*). A *caritas* deriva da fraternidade humana, que, por sua vez, decorre do elo entre o amor paternal de Deus e os homens, uma vez que a Igreja Católica ensinava que “para amar Deus, é preciso amar nossos irmãos”. A *infirmitas*, por sua vez, está ligada à fraqueza do corpo e à sua dependência, sendo, por isso, “mais socialmente desvalorizada”, tornando-se paulatinamente a condição de todos os homens frágeis, pois assinalava o pecado original. A *caritas* e a *infirmitas* serão as alavancas para o “nascimento do hospital medieval, lugar público e gratuito de caridade” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 118).

O fato do cuidado com os internos serem exercidos por freiras evidencia ainda mais a relação entre o Asilo São Vicente de Paulo e os hospitais medievais. Não obstante, devemos nos lembrar de que até o século XVIII, o “personagem ideal” do hospital não é o doente que precisa se curar, e sim o pobre que está morrendo. “É alguém que deve ser assistido material e espiritualmente, alguém a quem se deve dar os últimos cuidados e o último sacramento. Esta é a função essencial do hospital” (FOUCAULT, 1993, p. 101).

Nessa perspectiva, embora construído inicialmente para abrigar os pobres que perambulavam pelas ruas, no decorrer dos primeiros anos de funcionamento, o asilo foi procurado por pessoas que não se enquadravam como pobres, mas mediante a doação de seu imóvel, seus bens e até mesmo de toda a herança, eram acolhidos pela instituição (SOUZA, 2014). Destarte, mesmo imbricado pelo discurso da caridade cristã, a ideia inicial do asilo e seus propósitos também pode ser interpretada como uma tentativa de saneamento e higienização do espaço público que via no pobre, para além da repulsa, um foco irradiador de doenças. Isso justifica a construção do asilo num local distante do centro, como demonstra a Imagem 1. Ademais,

Com relação às cidades, urgia sanear o meio, dessecando pântanos, afastando cemitérios, organizando e limpando o espaço urbano das aglomerações e da estagnação dos fluxos – do ar, da água e dos homens. A intervenção sobre as doenças sofreu então dois deslocamentos fundamentais. Não cabia mais intervir apenas sobre o corpo do indivíduo, visto que as doenças vinham de fora: era necessário agir sobre o ‘corpo social’. A medicina se fez coletiva para combater a doença de forma mais eficaz. Além disso, não se tratava de combater a doença já instalada no indivíduo, mas de evitá-la promovendo a saúde. O objeto da ação médica passou a ser a prevenção, e para efetuar-la seria necessário controlar fluxos e aglomerações, esquadrinhando e transformando o meio, especialmente a cidade. (MARQUES, 1995, p. 56).

⁶ De acordo com *Dicionário da Língua Brasileira*, de autoria do goiano Luiz Maria da Silva Pinto, publicado originalmente em 1832, “indigente” é aquele “que até do necessário tem falta” (PINTO, 1996).

No entanto, tão logo inaugurado, o asilo assumiu um caráter mais caritativo que não restringia apenas ao pobre, mas também ao idoso de posses que não tinha quem lhe assistisse, as crianças cujos pais se encontravam ou no hospital ou na cadeia, órfãos, doentes mentais, dentre outros, que compunham a variedade dos internos do asilo em suas primeiras décadas de funcionamento. A instituição também abria as suas portas semanalmente para a visita da comunidade, sempre aos domingos, e os que eram alfabetizados deixavam suas impressões no livro de visitas.

O Livro de Visitas do Asilo São Vicente de Paulo

Os arquivos “[...] não são coleções artificiais adquiridas, arranjadas e descritas inicialmente por tema, local ou tempo, e sim em uma relação contextual, orgânica e natural com sua entidade produtora e com os atos de sua produção” (COOK, 2017, p. 9). Quando pesquisamos no arquivo do Asilo São Vicente de Paulo, deparamo-nos com um armário de madeira que abrigava documentos desordenados, muitos em um péssimo estado de conservação, e que abrangiam o período de 1880 a 1987.

Dentre as preciosidades que o arquivo desnudava, tais como documentos contábeis, livros de receituários médicos, livro de registro de entrada, livro de atas, álbum de fotografias e relatórios administrativos, o livro de visitas se configurava, a nosso ver, como um dos mais importantes elementos para compreender a relação do asilo com a sociedade vilaboense. Trata de um caderno tipo ata de 200 páginas, com a maioria delas preenchidas. O recorte da análise que propomos vai de 1909, data da fundação da instituição, até 1930, quando a Revolução ocorrida em outubro daquele ano redesenhou o cenário político do Brasil e de Goiás, com a emergência de um novo grupo político local, o de Pedro Ludovico Teixeira, em detrimento da família Caiado. Essa troca de governo também mudaria os destinos da própria Cidade de Goiás, que perderia, em 1937, o *status* de capital para a recém-criada Goiânia.

As visitas ao Asilo São Vicente de Paulo eram realizadas, de acordo com o Regulamento: “(...) das seis horas da manhã as seis horas da tarde, e mesmo durante esse tempo só se permitirá o ingresso de pessoas estranhas, quando munidas de ordem do presidente da junta”. O asilo também era aberto à visita pública nos “(...) dias em que a Sociedade de S. Vicente celebrar as suas festas”. Ademais, havia no portão do asilo “(...) um cofre destinado a recolher as esmolas das pessoas que lá forem fazer suas visitas, devendo ficar a chave do mesmo em poder do respectivo thesoureiro” (REGULAMENTO..., 1909, p. 7).

Com efeito, nos dias e horários estabelecidos, o asilo era visitado pela sociedade vilaboense. Anna Joaquina, em 5 de janeiro de 1910, por exemplo, escreveu em seu diário que “Nhola com as meninas da escola Mariq.^a e Maria forão no Azilo” (MARQUES, 2006, p. 288). As visitas também foram ressaltadas no Relatório da Junta Administrativa do Asilo de 1915: “O Azylo continua a ser visitado pelas famílias goyanas e de fora da Capital, louvado seja Deus, todos tem sahido bem satisfeitos, fazendo os maiores elogios as Irmãs, que bem os merecem”

(RELATÓRIO..., 1915). Esses documentos sugerem que o asilo era visitado por várias pessoas, inclusive de outras cidades, provavelmente vindo reencontrar seus parentes. Mas por que o asilo atraía tantos visitantes? A grande maioria dos internos, antes de entrarem para a instituição, fazia parte do cotidiano da cidade, e raras vezes eram auxiliados por seus moradores, como ressalta o jornal *O Lidador* em 1909, ano em que o asilo foi inaugurado.

Até hoje, ainda presenciamos contristados a scena compangente d'esses infelizes percorrendo as nossas ruas, quaes vias de amarguras, implorando de porta em porta o obulo da caridade publica, expondo a curiosidade do vulgo, uns, as feias chagas que lhe corroem as carnes, produzindo deformidades horrorosas e asquerosas, outros, arrastando-se pelas calçadas cobertos de andrajos; outros, infelizes, em quem a luz da razão nunca dezechou ou apagou-se, servindo de escarneio atravessa garotagem, que os persegue atirando-lhes pedras, escarnecendo de seus aleijões mofando de suas infelicidades. (O LIDADOR, 1909, p. 3).

Motivo de piada, de preconceito e, muitas vezes, violentados por possuírem doenças mentais; uma vez no asilo, eram vistos com o olhar da piedade, da misericórdia e, principalmente, da caridade, a quem muitos creditavam a construção do próprio Asilo São Vicente de Paulo, além de acreditarem trilhar o caminho para a própria salvação (SOUZA, 2014, p. 145). Ao observar o imenso edifício, construído especialmente para este fim, o “carinho” com que as irmãs tratavam os desvalidos e a luta dos vicentinos em provê-los do que necessitassem, tudo isso refletia o ideal de caridade da Sociedade São Vicente de Paulo. A partir desse tripé, a funcionalidade do asilo se fazia ecoar por toda a antiga Vila Boa. E pressupomos que os vicentinos, por sua vez, queriam que a obra mais lapidada da Sociedade São Vicente de Paulo fosse admirada por todos.

Por isso, a visita aos internos se circunscrevia no campo da prática da religiosidade. Não obstante, como preconizava o seu regulamento, os internos do asilo eram visitados pela comunidade aos domingos e deixavam suas impressões no livro de visitas. Porém, no documento, há relatos de visitas que ocorreram em outros dias da semana. Dos 80 relatos do livro de visitas, entre 1909 a 1930, por exemplo, 25 ocorreram no domingo, dez na segunda, doze na terça, oito na quarta, oito na quinta, seis na sexta, nove no sábado e dois não informaram.

Entretanto, não podemos tomar esse número – 80 relatos – como sendo o total de visitas, já que a escrita requeria, naturalmente, que o visitante fosse alfabetizado, o que, infelizmente, abrangia número muito pequeno da população. Só para termos uma ideia desse problema, de acordo com dados oficiais em 1872, o índice de analfabetismo de maiores de cinco anos na província de Goiás era de 83,8% da população, o sétimo pior do país; em 1920, embora tivesse diminuído para 81,9% da população, o estado de Goiás se encontrava entre os quatro últimos lugares; por fim, em 1960, o percentual chegou a 55,3% fixando o estado no meio da tabela entre os entes da federação (FERRARO; KREIDLOW, 2004, p. 192). Nesse sentido, não podemos tomar os 80 relatos como sendo o reflexo da quantidade de visitantes, já que, muito provavelmente, eram em número muito maior. Um dos indícios que corroboram com essa

afirmação é o fato de que embora haja apenas 80 relatos, 128 nomes aparecem, pois, em visitas de determinado grupo um só escrevia e assinava o nome de todos.

Nessa perspectiva, com base nos 80 relatos, 49 visitas ocorreram com apenas um visitante (45 homens e quatro mulheres); 22 visitas ocorreram com duas pessoas, todos homens; seis visitas com três pessoas (cinco delas com homens e uma com mulheres); uma visita com quatro pessoas, todos homens; uma visita de seis pessoas, todas mulheres e, por fim, uma visita com sete pessoas, todos homens. É interessante ressaltar que não houve, pelo menos nos relatos arrolados, visitas de homens e mulheres juntos no mesmo grupo. E considerando o dado exposto, dentre os visitantes, dos 128 nomes, 115 são de homens e 13 de mulheres.

Destarte, dentre o período de 22 anos que analisamos, somente em cinco não houve relatos no livro de visitas, quais sejam, 1918, 1920, 1921, 1922 e 1924. E, em 1919, foi apenas um. Não sabemos precisar os motivos dos anos da década de 1920, porém, em 1919, a causa, provavelmente, foi a pandemia de gripe espanhola, que grassou o território goiano e atingiu a capital do estado em janeiro daquele ano, de acordo com o estudo de Damacena Neto (2011). E, por fim, em relação aos meses: foram duas visitas em janeiro, nove em fevereiro, nove em março, oito em abril, oito em maio, seis em junho, nove em julho, dez em agosto, uma em setembro, oito em outubro, três em novembro, cinco em dezembro e, em duas, não houve como saber essa informação.

“O espectáculo dos que soffrem”: uma análise dos internos do asilo

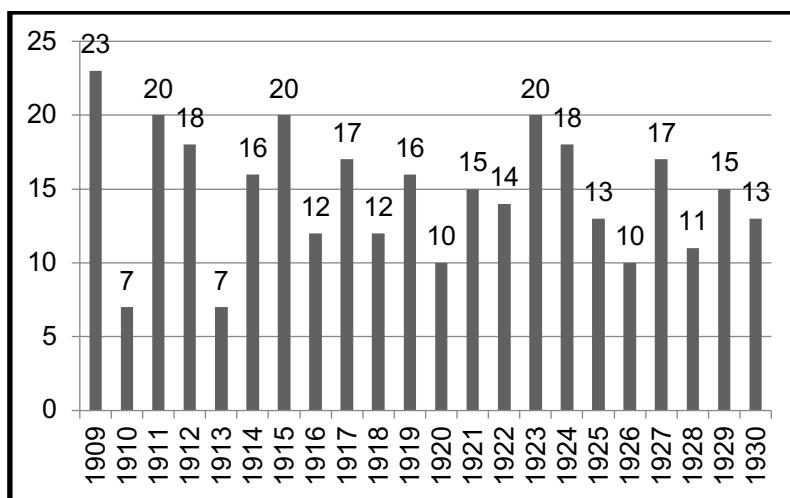
Em 4 de agosto de 1910, após visitar o Asilo São Vicente de Paulo, certo visitante encerrou assim suas impressões: o “espectáculo dos que soffrem”. Em 20 de julho de 1917, novamente termo muito similar apareceu no livro de visitas, desta vez assinado por três pessoas: “espectáculo dos soffrimentos humanos” (LIVRO DE VISITAS..., 1909-1930). A imagem da instituição que abrigava pobres de todas as idades e doentes de várias moléstias (inclusive contagiosas!), que ainda, nesse período, não contava com pavilhões com divisão de gênero – o que só ocorreu em 1922 –, ou seja, era somente um imenso alojamento onde se encontravam todos os internos, assistidos pelas Irmãs Dominicanas, não poderia, aos olhos dessa população, não ser outra coisa que não “espectáculo”, no sentido pitoresco da palavra.

Com base nas informações do Livro de Registro de Entrada do asilo, faremos algumas breves considerações sobre os internos durante o período contemplado no livro de visitas, qual seja, de 9 de novembro de 1909 a 29 de março de 1930. Dessa forma, será possível tecer um quadro mais geral sobre os internos para que possa nos ajudar na análise dos relatos de visitas. Nesse documento, é possível saber o nome, a idade, o gênero, o local de origem, a enfermidade, datas de entrada e saída, e alguma outra informação relevante, como, por exemplo, a data do óbito. Entretanto, não há nenhuma informação a respeito da cor desses indivíduos. Porém, em um estudo sobre o acervo fotográfico da instituição, Souza (2017a) concluiu que, no período analisado, ou seja, nas primeiras duas décadas, todos os internos do asilo eram negros. Será

que é possível ver o asilo sob o prisma da eugenia, então em voga no período? Tais elucubrações merecem profundas investigações em futuros trabalhos.

Entre novembro de 1909 e março de 1930, entraram no Asilo São Vicente de Paulo 324 pessoas, destas, 207 eram mulheres e 117 homens, o que corresponde a 64% e 36%, respectivamente. Abaixo, um gráfico com o número de internações por ano. Nesse período, o asilo comportou entre 15 e 40 internos de uma vez. Isso evidencia uma alta rotatividade de entradas e saídas. Ademais, a média de internações por ano foi de 14,7 pessoas.

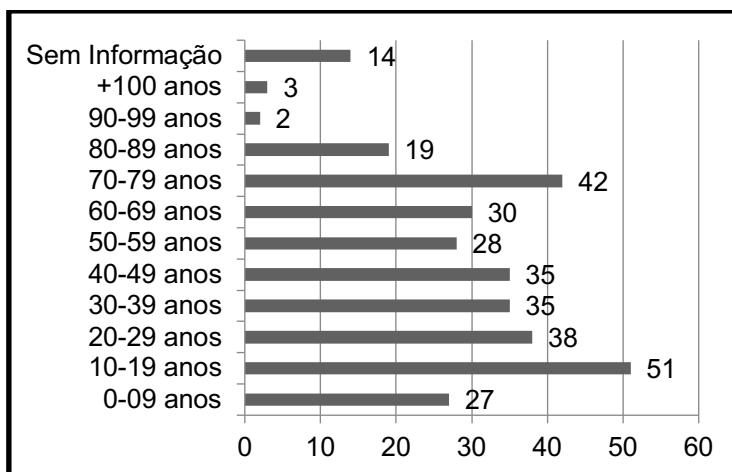
Gráfico 1: Internos divididos por ano de entrada no asilo (1909-1930)



Fonte: LIVRO DE REGISTRO de entrada do Asilo São Vicente de Paulo. Cidade de Goiás: arquivo do Asilo São Vicente de Paulo, 1909-1946.

As idades no período abordado variaram de 1 a 102 anos. Ou seja, trata-se de um grupo muito heterogêneo, conforme o gráfico abaixo que evidencia a quantidade de internos em relação à idade. Desconsiderando o “sem informação”, a média de idade é de 41,8 anos.

Gráfico 02: Internos divididos por idade (1909-1930)



Fonte: LIVRO DE REGISTRO de entrada do Asilo São Vicente de Paulo. Cidade de Goiás: arquivo do Asilo São Vicente de Paulo, 1909-1946.

Em relação ao local de origem dos internos há, também, uma grande diversidade. Foram observadas 43 localidades. Não há, entretanto, uma normatização sobre elas, uma vez que é possível perceber tanto cidades, povoados, quanto regiões (“Norte de Goyaz”), estados (Pernambuco, Pará, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso) e até mesmo países (Alemanha).

Tabela 1: Internos divididos por local de origem – estado e país (1909-1930)

Localidade	Quant.
Alemanha	1
Bahia	4
Goiás	275
Maranhão	1
Mato Grosso	2
Minas Gerais	23
Pará	1
Paraná	1
Pernambuco	2
Santa Catarina	1
São Paulo	3
Sem Informação	10
Total	324

Fonte: LIVRO DE REGISTRO de entrada do Asilo São Vicente de Paulo. Cidade de Goiás: arquivo do Asilo São Vicente de Paulo, 1909-1946.

Conforme a Tabela 1, a maioria dos internos, 84,8%, são oriundos do estado de Goiás. Se pegarmos somente a capital, Cidade de Goiás, com 192 registros, temos 59,2% do total. Os dados não são precisos, também, em afirmar se a localidade refere-se ao lugar de nascimento ou de onde ele veio para se internar. Em contraposição às atas e relatórios do asilo, há argumentos para ratificar qualquer um dos dois pontos de vista.

Por fim, para encerrarmos esta parte com a análise dos internos, e que será muito importante para relacionarmos com os depoimentos no livro de visitas, aprofundaremos nas doenças ou enfermidades que os internos possuíam. Nesse ínterim, devemos destacar que no decorrer do século XX até, pelo menos, as três primeiras décadas do século XX, é “[...] prematuro entender a medicina em nível de ciência, nessa região. Conhecimentos empíricos e intuição acurada faziam parte do cotidiano do médico, contribuindo para um diagnóstico apropriado” (SALLES, 1999, p. 63). Nesse sentido, as informações coletadas no Livro de Registro de Entrada não constituem diagnósticos médicos, mas acreditamos que foram, ou ditas pelo próprio interno, ou aferidas pelo responsável pela escrita do documento. Por isso, o termo “enfermidade” aparece como sinônimo de “doença”. Porém, alguns autores estabelecem a diferença entre enfermidade e doença, qual seja, “enfermidade (*disease*) é o que o órgão tem, a doença (*illness*) é o que o doente tem” (HELMAN, apud LEITE; VASCONCELLOS, 2006, p. 115). Nessa perspectiva, nos parâmetros dos responsáveis pelo Asilo São Vicente de Paulo, enfermidade poderia compreender tanto algo que um órgão tem, como, por exemplo, *intestino*, ou uma doença como *morphea*, ou uma condição como *velhice* e *desamparado*. Na Tabela 2, temos uma ideia melhor da heterogeneidade das doenças e dos doentes abrigados pela instituição:

Tabela 2: Internos divididos por enfermidade (1909-1930)

Enfermidades/doenças	Quant.	Enfermidades/doenças	Quant.
Aleijado (Aleijão)	13	Idiotia	40
Alienação Mental	4	Intestino (Enterite?)	2
Anemia	3	Lepra	1
Apoplexia	5	Loucura (Alocado)	31
Asma	2	Manomania	5
Bócio	1	Morféia	5
Caduquice	1	Mudez	13
Cancro	1	Nariz Ferido (Sífilis? Lepra?)	1
Cegueira	21	Paralítico (Entrevado)	4
Convulsão	1	Paratifo	1
Cretinismo	16	Quisto na boca (Tumor?)	1
Demência	3	Reumatismo	3
Epilepsia	16	Sífilis	3
Estupor	4	Surdez	2
Gastrite	1	Surdo-Mudo	2
Hepatite	1	Tuberculose	2
Hérnia	1	Velhice	71
Histeria	1	Sem Informação	42
		Total	324

Fonte: LIVRO DE REGISTRO de entrada do Asilo São Vicente de Paulo. Cidade de Goiás: arquivo do Asilo São Vicente de Paulo, 1909-1946.

Difícil imaginar o cotidiano do asilo nesse período, que não possuía divisão de gênero e nem lugar separado para alocar os internos portadores de doenças contagiosas como a lepra (hoje hanseníase), sífilis e tuberculose. Todos ficavam em um único ambiente. Internos com necessidades completamente diferentes, que variavam desde em relação ao gênero, a idade e, principalmente, às doenças. Fazer um trabalho de imaginar loucos, alienados mentais, convivendo com velhos, crianças, cegos, surdos e mudos é refletir sobre os limites do próprio discurso caritativo que era a base de sustentação do asilo na sociedade. Retirar tais indivíduos das ruas era a questão central desse processo e ao encarcerá-los todos em uma instituição, seus visitantes pareciam antes diante de um “espectáculo” mesmo, o “espectáculo” dos sofrimentos daqueles que necessitavam de auxílio. É diante desse quadro muito heterogêneo em relação aos internos que analisaremos a imagem deles no discurso do livro de visitas.

A imagem dos internos: entre os “desherdados da sorte” e os “abandonados da saúde”

Uma vez descrito o livro de visitas e também analisado os internos do Asilo São Vicente de Paulo com base no Livro de Registro de Entrada, passamos agora a dissertar sobre a imagem dos internos nos relatos dos visitantes. Começamos com um paralelo entre as menções aos internos, vicentinos, Irmãs Dominicanas e ao próprio prédio.

Tabela 3 – Menções no livro de visitas (1909-1930)

LIVRO DE VISITAS	TOTAL	
	Quant.	%
Internos	44	55
Sociedade São Vicente de Paulo	31	38,75
Irmãs Dominicanas	52	65
Prédio do Asilo	67	23,75

Fonte: LIVRO DE VISITAS *do Asilo São Vicente de Paulo*. Cidade de Goiás: arquivo do Asilo São Vicente de Paulo, 1909-1930.

Isso posto, dos 80 relatos, o prédio do asilo foi citado em 67 deles, superando as menções às Irmãs Dominicanas, à Sociedade São Vicente de Paulo e aos próprios internos. Medindo 80 metros, a fachada do asilo era imponente para o período, uma vez que à época de sua inauguração era considerado “um dos maiores edifícios do Estado” (AZEVEDO, 1987, p. 111). A construção do asilo durou mais de dez anos, como observamos no início deste texto e foi o resultado de uma grande mobilização exercida pela Sociedade São Vicente de Paulo, que construiu uma narrativa de que a cidade necessitava de um prédio que tivesse condições de alojar os pobres. Esse discurso predominou na relação que a sociedade teve com a instituição. Construído em um lugar afastado do centro, como percebemos pela Imagem 1, o asilo,

possivelmente, deixava admirados todos os que lá compareciam e, por isso, o grande número de menções ao prédio, todas elogiosas.

As menções mais recorrentes em relação ao asilo diz respeito à sua função caritativa: “bella e humanitária instituição de caridade”; “boa ordem”; “agradabilíssima impressão que tive, ao entrar nesta casa de mendicidades”; “casa de caridade”; “estabelecimento de caridade”; “unica no genero em todo o nosso Estado”; “confortável edifício”; “estabelecimento pio”; “humanitario estabelecimento”; “mansão de caridade”; “monumento de caridade”; “na beira do sertão encontrei um lugar santo”; “magníficas installações”; “piedoso estabelecimento”; “tão util estabelecimento”; “util e benfasejo estabelecimento de caridade e filantropia”. Porém, destacamos dois termos que aparecem de forma recorrente quando o assunto são as condições sanitárias do asilo: “asseio” e “higiene”. O primeiro foi usado 32 vezes, e o segundo termo, quatro.

Essa palavra, “higiene”, aqui tomada como sinônimo do “asseio”, então em voga desde o final do século XIX, foi entendida por alguns autores como uma ciência social aplicada. Nesse sentido, “[...] a medicina não teria por objeto apenas estudar e combater as doenças; ela apresentava fortes relações com a organização social” (LIMA, 1999, p. 96). As reformas de Pereira Passos no Rio de Janeiro demonstram como o discurso higienista tentou sanear os espaços visando aplacar as doenças. Ademais, após o impacto bacteriologia de Pasteur, a reforma da saúde pública possibilitou que os higienistas olhassem a cidade com “[...] certa dose de otimismo na crença de que a higiene permitira intervir positivamente sobre o insalubre espaço urbano” (LIMA, 1999, p. 97). Se a ideia era coibir a proliferação de doenças agindo no espaço urbano, era imperativo retirar das ruas pobres e doentes e colocá-los em um lugar asseado e higiênico. Cumprindo tal função, o asilo era visto como o ideal de higiene e salubridade.

Noutro passo, as menções às Irmãs Dominicanas correspondem a 52 em um universo de 80 relatos. Vindas da França especificamente para trabalharem no asilo e no Colégio Santana, as freiras de São Domingos logo ganharam a simpatia e a admiração, haja vista os mais retumbantes adjetivos a elas dirigidos, tais como: “abnegação das Irmãs de Caridade”; “caridade para com os asylados é inexcedível e verdadeiramente edificante”; “beneméritas Irmãs Dominicanas que não poupam sacrifícios”; “boa vontade”; “bondade com que as virtuosas irmãs dominicanas procuram minorar o soffrimento dos infelizes”; “Caridade Christã das missionárias que o dirigem”; “caridade, desvelo e carinho affetuoso com que as santas irmãs dominicanas tratam os asylados”; “caridosas Irmãs que com tanto amor se dedicam”; “caridoso zelo, de que são protetoras as virtuosas Irmãs Dominicanas”; “corações bem formados”; “criaturas santas”; “criaturas sublimes”; “anjos de caridade”; “dedicação material e incomparavel”; “desvelo”; “devotamento”; “distinctas Irmãs Dominicanas, nem as más qualidades, nem os vícios, nem a ingratição, nem os desgostos, que lhe causam os homens, são capazes de a intitubear”; “apostolas do bem”; “anjos da paz”; “impecavel correção e affabilidade das Revmas. Irmãs”; “o Asylo seria uma penitenciaria e não uma casa de caridade, se não fora o zelo e o carinho das Irmãs”; “verdadeiras mães”; e “virtuosas”.

Essa admiração era perfeitamente compreensível, posto que às irmãs competia o gerenciamento interno da instituição, o que incluía, naturalmente, o trato direto com os internos. Como auxiliares, tinham a disposição um zelador e uma cozinheira. Ademais, elas eram a parte mais visível da engrenagem que sustentava o asilo. Se voltarmos ao início deste texto, quando o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, em seu relatório à frente da Junta Administrativa do Asilo, afirmou que era “preciso ser forte para percorrer este Asylo e vêr com atenção todas as miserias que aqui se abrigam”, pois era difícil viver “entre os ascos e as miserias”, “da gente mais inculca, da gente mais pobre, da gente menos gente”, acreditamos que ele apenas elogiava as Irmãs Dominicanas, que viviam na instituição.

Em relação aos irmãos leigos da Sociedade São Vicente de Paulo, as 31 menções que tiveram nos 80 relatos parabenizavam a ideia da construção do asilo. Dentre os elogios, destacamos: “bençãos para os vicentinos fundadores e conservadores do Asylo”; “abnegação e estoico amor”; “altruísmo dos goyanos”; “Caridade Christan exercitada com rigôr pela gloriosa Confraria de São Vicente de Paulo”; “como é grande o coração do povo que o concebeu e realizou”; “dignifica o nome de seus fundadores”; “esforço dos abnegados irmãos de S. Vicente”; “força de vontade de meia dúzia de homens auxiliada pelo amor ao próximo”; “benemerita Junta Administrativa”; “homens superiores, desprendidos que sacrificam o interesse em prol daqueles que soffrem”; “louvores a S. S. Vicente”; “só tenho palavras de elogios para os dignos administradores deste Azylo que tem sabido parcimô o dinheiro que ele confia a caridade pública com muita parcimonia”; e “um brado, pois, aos obreiros do progresso e da caridade em minha terra”.

Embora fosse uma instituição vicentina, os vicentinos eram os que menos apareciam para colherem os louros da sua criação. Diante dos visitantes, eram as Irmãs Dominicanas que causavam os maiores e melhores impressões. Em 1912, por exemplo, os médicos sanitaristas do Instituto Oswaldo Cruz, Artur Neiva (1880-1943) e Belisário Pena (1868-1939), integraram uma expedição por solicitação da Inspetoria de Obras contra as Secas, órgão vinculado ao Ministério dos Negócios da Indústria, Viação e Obras Públicas. Durante nove meses, percorrem, para além de vários estados do Nordeste, todo o território de Goiás. Em seu extenso e importante relatório que se tornou a égide do movimento sanitaria na Primeira República, os médicos de manguinhos descreveram a Cidade de Goiás, quando por lá passaram em setembro. Sobre o asilo, além de, equivocadamente, o chamarem de “asilo de S. Francisco de Paula”, afirmaram tratar-se de uma “associação dominicana dirigido por irmãs dominicanas”, por fim, afirmaram não saberem “[...] o que mais admirar: se a desgraça dos infelizes, se a paciencia evangelica das dignas freiras que dirijem a caridosa instituição” (NEIVA; PENA, 1999, p. 222). Embora os dois importantes médicos tenham visitado o asilo e escrito isso em seu relato de viagem, infelizmente, eles não escreveram suas impressões no livro de visitas.

Os 324 internos que passaram pela instituição no período analisado, qual seja, de 1909 a 1930, foram mencionados e adjetivados em 44 dos 80 relatos no livro de visitas. Esse é um número muito baixo se comparado com o próprio asilo e as Irmãs Dominicanas, partes mais

visíveis da engrenagem de auxílio aos pobres de Goiás, e até mesmo da Sociedade São Vicente de Paulo, não tão visível e mesmo assim mencionada 31 vezes. Se o objetivo final de toda a estrutura era ajudar os pobres e doentes, retirando-os das ruas, becos e vielas da antiga Vila Boa, e colocá-los em um lugar onde pudessem ser assistidos, mas longe o suficiente da vista do restante da população, os internos não mereceriam, por parte dos visitantes que escreveram no livro de visitas, maior condescendência?

Na Tabela 4, temos todos os termos usados para se referirem aos internos da instituição e a quantidade que eles aparecem. Foi mantida a forma como estão escritos nos documentos. Eles evidenciam o modo como a sociedade, ou pelo menos essa parte letrada que escreveu no livro, enxergava os internos.

Tabela 4 – Denominação dos internos pelos visitantes

Denominação dos internos pelos visitantes	Quant.
abandoandos da saúde	1
asilados	8
desamparados	1
desfavorecidos/desventurados/esquecidos da sorte	3
desgraçados	2
desherdados da sorte/deserdados da fortuna	4
desprotegidos	3
desvalidos	3
desventurados	1
doentes	7
enfermos	2
espectáculo dos que sofrem / espetáculo dos sofrimentos humanos	2
infelizes	6
internados/internos	2
males e infortunios	1
miseráveis	2
necessitados	1
pobres	12
pobreza soffredora	1
sofrem	3
vitimas de molestias e defeitos	1

Fonte: LIVRO DE VISITAS *do Asilo São Vicente de Paulo*. Cidade de Goiás: arquivo do Asilo São Vicente de Paulo, 1909-1930.

Como observamos no item anterior, quando analisamos os internos, há uma heterogeneidade muito grande, seja pelo critério de idade ou de doenças. Isso faz com que, pelo menos nesse período, haja uma dificuldade muito grande de conceituação desses indivíduos. Eles não eram só pobres, pois muitos idosos de posse doavam o que tinham ao asilo para serem assistidos pela instituição; eles não eram só doentes, pois havia grande número sem nenhuma

doença aparente, apenas pobres que não tinham quem lhes valessem; não eram só velhos, pois havia muitas crianças. Analisado dessa forma, fica difícil até mesmo uma conceituação para o próprio asilo e, por isso, preferimos fazer uma analogia ao hospital medieval, mas também não era só isso. A Sociedade São Vicente de Paulo buscou, por meio do asilo, estabelecer relações de poder com a cidade e o estado. Era comum, por exemplo, o pedido do juiz para a internação de crianças no asilo, cujos pais se encontravam presos; ou presos com doenças mentais que eram mandados ao asilo pelo delegado; ou o pedido de algum poderoso influente para que tal apadrinhado tivesse preferência para o ingresso na instituição (SOUZA, 2014).

É dentro desse universo de contradições que a imagem dos internos no livro de visitas foi forjada. O fato deles serem adjetivados de várias formas evidencia isso, como, por exemplo, em sua condição de internos. Ela aparece com duas conotações: “asilados” (oito vezes) e “internos” (duas vezes). Esse termo mostra a condição de quem se encontrava no asilo, não havendo nenhuma adjetivação, que é observada, por exemplo, quando eles são qualificados a partir da sua condição social, pobres. Nesse sentido, os termos que aparecem são vários: “desamparados” (uma vez); “desfavorecidos” (uma vez); “desventurados” (uma vez); “esquecidos da sorte” (uma vez); “desgraçados” (duas vezes); “desherdados da sorte” (três vezes); “desherdados da fortuna” (uma vez); “desprotegidos” (três vezes); “desvalidos” (três vezes); “desventurados” (uma vez); “infelizes” (seis vezes); “miseráveis” (duas vezes); “necessitados” (uma vez); e “pobres” (12 vezes).

Em relação às doenças ou à condição física e mental dos internos, elas aparecem nos seguintes termos: “abandonados da saúde” (uma vez); “doentes” (sete vezes); “enfermos” (duas vezes); “males e infortúnios” (uma vez); “vítimas de molestias e defeitos” (uma vez); além das já citadas “espectáculo dos que sofrem”, “espectáculo dos sofrimentos humanos”.

A palavra mais recorrente para qualificar os internos, “pobres”, foi usada 12 vezes, duas vezes mais que a segunda, “infelizes”. Se comparado aos termos usados nas doenças, o mais citado “doentes” aparece apenas sete vezes, número muito menor aos 12 usados para “pobres”. Ademais, se somarmos o número de menções em relação à condição social, temos 38, número muito maior as menções sobre a condição física e mental dos internos, que chega a apenas 14. Isso evidencia que, a partir do livro de visitas, podemos pressupor que os internos eram vistos mais como pobres do que doentes. Isso muda a percepção do próprio asilo que hoje é visto como uma instituição que abriga necessariamente doentes, mas que foi criada para abrigar tão somente pobres, que podiam ser ou não doentes.

Isso faz sentido se observamos o discurso caritativo que envolvia não somente o próprio sentido da Sociedade São Vicente de Paulo, bem como o da construção e manutenção do asilo. O historiador Michel Mollat, no seu clássico *Os pobres na Idade Média*, sugere que o interesse dos que ajudavam os pobres “não era apenas moral – também era espiritual”, uma vez que “seus pobres, tal como se tinha seus mansos e seus criados, também significava ter seus intercessores, com o objetivo de redimir seus pecados e ter sua salvação garantida” (MOLLAT, 1989, p. 149). Por isso que do lado do livro de visitas se encontrava um cofre para doações, já

que o visitante era exortado, diante do suntuoso prédio e do trabalho das Irmãs Dominicanas, a também fazer sua parte. Nesse sentido, recorro novamente ao dicionário de 1832, que definia “esmola” como “o que se dá ao necessitado” (PINTO, 1996). E era por meio desse ato, de distribuir esmolas, que a piedade para com os pobres demonstrava “uma forma de expressar devoção para com Deus” (FRAGA FILHO, 1996, p. 35).

Destarte, ao dedicarem retumbantes adjetivos ao prédio, ao trabalho das irmãs e dos vicentinos, os relatos apenas refletiam o sentido da caridade cristã, ou seja, o de valorizar o trabalho com os pobres, e não, necessariamente, valorizar os pobres. Dessa forma, o sofrimento dos que necessitavam era visto como altamente imprescindível para que, por meio da caridade, aqueles que a praticavam pudessem garantir sua vaga no paraíso celestial.

Não obstante, chamamos a atenção para uma frase no livro de visitas citado anteriormente quando nos referimos às Irmãs Dominicanas: “o Asylo seria uma penitenciária e não uma casa de caridade, se não fora o zelo e o carinho das Irmãs”. Talvez, para os visitantes, ou parte deles, o asilo era apenas uma cadeia, onde se encarceravam aqueles que não queriam ser vistos pela rua, colocando a salubridade pública em risco. Porém, no fim, o asilo não conseguiu atender a todos e nem resolveu o problema dos pobres que perambulavam pelas ruas e não tinham quem lhes valessem.

Considerações finais

Um “espetáculo”, era isso que o asilo oferecia para a população vilaboense, que visitava a instituição não somente no domingo, dia determinado para que ocorresse, mas em qualquer dia da semana. Envolvida pelo discurso da caridade cristã e do amor e devotamento ao próximo por parte da Sociedade São Vicente de Paulo e das Irmãs Dominicanas, os pobres apenas completavam o quadro que visava enaltecer os administradores do asilo, além do próprio edifício.

É justamente por não ser “das cousas mais agradáveis”, como disse o professor Francisco Ferreira em sua fala, que destacamos, no começo deste artigo, que o asilo precisa ser constantemente revisto, revisitado e pesquisado para que possamos compreender a percepção do doente e da doença por parte da população em determinada época. Como uma importante instituição com mais de um século de atuação, o Asilo/Lar São Vicente de Paulo é um lócus privilegiado para as discussões envolvendo a história da saúde e das doenças e, mais importante, a interiorização da saúde no sertão.

Referências

- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Anuario Historico, Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz para 1910**. Brasília, SPHAN/8^a DR, 1987.
- COOK, Terry. **O Conceito de Fundo Arquivístico**: teoria, descrição e proveniência na era pós-custodial. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2017.
- DAMACENA NETO, Leandro Carvalho. **A Influenza espanhola de 1918-1919 na Cidade de Goiás**. (Dissertação, Mestrado em História). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2011.

- FERRARO, Alceu Ravello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configurações e gênese das desigualdades regionais. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nº 29, vol. 2, p. 179-200, dez. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25401/14733> Acesso em: 10 fev. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.
- FRAGA FILHO, Walter. **Mendigos, Moleques e Vadios na Bahia do Século XIX**. São Paulo, SP/Salvador, BA: Editora Hucitec/EDUFBA, 1996.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LEITE, Silvana Nair; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa. Negociando fronteiras entre culturas, doenças e tratamentos no cotidiano familiar. *In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 1, p. 113-28, jan.-mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/6YHswr5q8pKTswRp5psmm7n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 fev. 2021.
- LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan, IUPERJ, UCAM, 1999.
- LIVRO DE REGISTRO de entrada do Asilo São Vicente de Paulo. *In: Arquivo do Asilo São Vicente de Paulo*. Cidade de Goiás, 1909-1946.
- LIVRO DE VISITAS do Asilo São Vicente de Paulo. *In: Arquivo do Asilo São Vicente de Paulo*. Cidade de Goiás, 1909-1930.
- MARQUES, Anna Joaquina da Silva. Memorial de Lembranças 1881-1899. v. 1. (mimeo) *In: Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC)*. Goiânia, 2006.
- MARQUES, Eduardo Cesar. Da higiene à construção da cidade: o estado e o saneamento no Rio de Janeiro. *In: História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, II (2), jul.-oct., 1995, p. 51-67. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/QG3Qh9hPDSBNBzqG4JGTg7p/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jul. 2020.
- MEIRELES, Marilucia Melo. **Os “bobos” em Goiás: enigmas e silêncios**. Goiânia; Editora UFG, 2014.
- MOLLAT, Michel. **Os Pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Campos, 1989.
- MORAES, Cristina de Cássia Pereira. **As estratégias de purificação dos espaços na capital da Província de Goiás - 1835-1843**. (Dissertação de Mestrado em História). Goiânia, Universidade Federal de Goiás: 1995.
- NEIVA, Artur; PENA, Belisário. **Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte e sul de Goiás**. Edição Fac-Similar. Brasília: Senado Federal, 1999.
- O LIDADOR. Ano VI - n. 31. *In: Gabinete Literário Goiano*, 1909.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira**. 1832. Edição Fac-Similar. Goiânia: Sociedade Goiana de Cultura, Instituto de Pesquisas e Estudos Histórico do Brasil Central, Centro de Cultura Goiana, 1996.
- PRUDENTE, Thaise Cristiane de Abreu. **Cotidiano e Preservação: O Asilo São Vicente de Paulo da Cidade de Goiás**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural) Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2006.
- RABELO, Danilo. **Os excessos do corpo: A normatização do comportamento na Cidade de Goiás (1822-1899)**. (Dissertação, Mestrado em História). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997.
- REGULAMENTO do Asylo da Sociedade de S. Vicente de Paulo de Goyaz. Confeccionado pelos Confrades: Desembargador Emilio Francisco Povoá e Dr. Maurílio A. Curado Fleury. *In: Arquivo do Asilo São Vicente de Paulo*. Cidade de Goiás, 1909.
- RELATÓRIO apresentado ao Snr. Presidente e mais membros do Conselho Particular da Sociedade S. Vicente de Paulo em Goyaz, pelo Presidente da Junta Administrativa do Asylo em 25 de Julho de 1915. *In: Arquivo do Asilo São Vicente de Paulo*. Cidade de Goiás, 1915.
- SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. Saúde e doenças em Goiás – 1826-1930. *In: FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de (Org.). Saúde e doenças em Goiás: a medicina possível*. Goiânia: Ed. Da UFG, 1999.
- SOUZA, Rildo Bento de Souza. **Pobreza, doenças e caridade em Goiás: uma análise do Asilo São Vicente de Paulo (1909-1935)**. Jundiá-SP: Paco Editorial. 2014.

SOUZA, Rildo Bento de. A lembrança dos esquecidos: o acervo fotográfico dos internos do Asilo São Vicente de Paulo na Cidade de Goiás. *In*: MAGALHÃES, Sônia Maria de; SILVA, Leicy Francisca da; MACIEL, Roseli Martins Tristão (Orgs). **Histórias de Doenças**: percepções, conhecimentos e práticas. São Paulo: Alameda, 2017a, p. 219-244.

SOUZA, Rildo Bento de. Alimento do corpo e da alma: a cozinha do Asilo São Vicente de Paulo na Cidade de Goiás (1909-1935). *In*: MORAES, Cristina de Cássia Pereira; FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de; SOUZA, Rildo Bento de (Orgs.). **Patrimônio Cultural da Saúde em Goiás**: instituições hospitalares, assistenciais, de ensino e de pesquisa. Goiânia: Editora UFG, 2017b.

SOUZA, Rildo Bento de. Arquivo de instituições de saúde: a documentação do asilo São Vicente de Paulo na Cidade de Goiás e seu potencial para pesquisa. *In*: **Sillogés** – v.2. n.2.jul/dez, 2019, p. 293-311. Disponível em: <http://www.historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/78/73>. Acesso em: 1 mar. 2020.

Artigo recebido em 27/03/2022 e
aprovado para publicação em 05/07/2022